

**Illustração Portuguesa**  
SEMANARIO  
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A viagem dos mortos*, por Alberto Pimentel;—*Uma viagem na Hespanha*, por Pinheiro Chagas;—*A viuva*, conto, por Octave Mirbeau;—*Gelos de fogo*, versos, por Eça de Almeida;—*As nossas gravuras*;—*Quadro antigo*, por Eduardo Sequeira;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Aband.nada*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Monsenhor Caverot*;—*Visconde de Figueiredo*;—*Amsterdã*;—*Povoação lacustre em Souek*;—*O adivinho Stuart Cumberland*.

## CHRONICA

Palpita-me que trago rabo.

Deixal-o. Porque na quadra presente ninguem se pode gabar de ser inacessível a semelhante attentado. Estamos no entrudo.

Um instante que a gente se demore á mercê da pilheria nacional, é mais do que o preciso. Já não vae sem appendice.

—Larga o rabo!

Tal é a pachuchada que a esta hora irrompe de todas as boccas, sem que uma pessoa tenha sequer o direito de se indispor contra a magna caterva dos trocistas. Que lhes arremesse a primeira pedra quem esteja limpo de culpa, quem não tiver na consciencia o



MONSENHOR CAVEROT



mais pequeno remorso no que respeita ás figurinhas do proximo.

O carnaval é isto. E digam lá o que disserem, o carnaval é preciso. E' preciso que, de quando em quando, tenhamos o direito de rir á custa alheia, mesmo para que erradamente nos convençamos de que só em circunstancias anormaes devemos deixar de nos tomarmos a serio. O que somos nós senão b rro, isto é, o que somos nós senão uns grandes typos?

Emquanto a mim, confesso que me impressiona muito levemente a possibilidade em que ando de percorrer as ruas de Lisboa com um *Diario de Noticias* pendurado precisamente no sitio onde o gorilla, meu ascendente remoto, usava a cauda que, segundo os sabios, o decorrer do tempo atrophiou, com grave prejuizo da humanidade que, á falta do precioso orgão, tantas vezes se vê embaraçada para guardar o equilibrio. Um rabo, olha a grande coisa!

Pois você, leitor, visto que, segundo me parece, é muito capaz de se estar rindo á minha custa, quer convencer-se, porventura, de que differe muitissimo de qualquer macaco? Ora o mostrengo!

Eu, que o vi no *salsifré* das Souzas, vergonhosamente vestido á Luiz XV, no rigor da borracheira, com um fato que nem o demonio era capaz de envergar, com o cabello empoado, e com uma cara que, louvado seja Deus, é como se está vendo! E lá andava todo satisfeito de si, fazendo a côrte á mais nova, que trajava de pastorinha, e que por tres vezes o bisnagou, em signal de estima, com uma essencia extremamente analoga, nas suas propriedades, ao chá que, volta da meia noite, a mocetna da creada andou servindo. Negue lá isto, seu Soares!

E vem a proposito dizer que n'esse dia foi uma perfeita revolução em casa das Souzas. Salas, havia trez; quartos de cama é que não havia nenhum, porque já na vespera toda a familia se tinha accommodado, cada qual como poudo, na cosinha. Menos o pae, que era muito contro a festa, e que, de zangado, passou a noite fóra, sabe Deus por onde.

No carnaval ha muito d'isto. São os jornaes da moda que, descrevendo os saraus do grande mundo, levam o desasocego ao seio das familias.

E comtudo, ha muito quem se queixe de que em Lisboa não ha divertimentos, que se não pode aqui passar esta quadra tão ruidosa de folia. Disparates! Parece que nunca levaram com uma mão cheia de tremoços bem na cara.

Ha até um grande numero de pessoas que, ouvindo apregoar o carnaval de Nice, fazem as suas malas, e deixam-se ficar. Porque em summa, não ha nada mais desagradavel do que desprender-se a gente do seu torrão natal, quando a bolsa protesta contra semelhantes despesas.

E, no fim de contas, a gente, cá, tambem se diverte. Pena é que as eleições não se façam agora. E' um pagode que fica deslocado e que nem por isso deixará de ser carnavalesco devéras.

Devia ser delicioso pregar uma empoadella bôa nos cidadãos de chapeu fino e sobrecasaca preta, que se acercassem da urna, no sacratissimo direito do carneiro com batatas. Ai que typos!

E sobretudo, tinhamos o direito de exigir que os paes da patria eleitos apparecessem em côrtes vestindo de *salsas*, com rabicho e tudo. Os portuguezes por isso não pagariam menos, mas talvez rissem mais.

Assim, é forçoso que nos contentemos com aquillo que nos ficou, e que não seria pouco, se fossemos paca-tos nas nossas exigencias, e não tivessemos o gosto estragado pelos jornaes estrangeiros, que nos mettem patranhas de maravilhoso calibre.

O *Salsa's Club*, por exemplo, o mesmo que ha um

anno apresentou a mascarada magnifica com que o proprio sr. marquez de Vallada fez figura, portando-se, valha a verdade, muito decentemente; o *Salsa's Club*, dizia, nòvamente passeia as ruas de Lisboa, relembrando o fausto casamento que fez as nossas delicias, e, que todos o confessam, foi uma festa d'estalo. Pum!

Tambem na comitiva se allude a duas interessantes creanças, que fazem a Avenida, em caleche, muito sympathicas, ás quatro e meia da tarde. Um appetite.

Outras pessoas e factos são do mesmo modo trazidas, pela cavalgada, á tella da discussão, emquanto na segunda cidade do paiz, ou primeira como elles dizem, os portuenses, muito mais adiantados do que nós, apreciam tambem uma outra mascarada que, pelos modos, mette a nossa n'um chinello.

Na do Porto affirma-se realmente que não entram senão trens particulares, com seus lacaios, já se sabe; que se dispende n'ella o melhor de cinco contos de réis, que é muito boa emfim.

A cidade invicta tem, é verdade, n'este ponto, como em muitos outros, fidalgas tradições a respeitar. E' preciso ter em conta a mascarada celebre que ali se realizou, representando com o maximo rigor a chegada d'el-rei D. Sebastião que, por signal, tinha telha, e que nas terras d'Africa, para onde partiu muito joven, fez prodigios com que não adiantou mesmo nada. E, a proposito, Deus lhe falle n'alma, porque com nevoeiros é que elle, coitadinho, já não lucra nada.

Fóra de chalaças, a mascarada foi realmente esplendida, e os portuenses são homens para tudo. Nós outros, os lisboetas, temos porém o nosso orgulho, e, dada a hypothese, muito provavel, de lhes ficarmos atraz, pregar-lhes-hemos rabos, aos portuenses.

Em S. Carlos, temos nós, e elles não teem, surriada, um Luiz Gama, de bolha de ar, que veste perfeitamente de senhora, e que se abana com uma distincção suprema, ou melhor dizendo, com um leque que, por mais extraordinario que isto seja, faz calores aos gebos da platêa, a quem os facultativos aconselham muita cautella com as pneumonias, salvo seja.

Outros tomaram-o a serio, e fazem-lhe o seu pé d'alferes. Gosa com isto o Gama, que é, benza-o-Deus, um pandego de primeira ordem.

Luiz Gama, de mais a mais, apanha-se poncas vezes em Lisboa. Passa a maior parte do anno nas margens do Mondego, onde não faz senão estudar, coitadinho. De modo que, quando vem a Lisboa, vem com ella sempre afinadissima, o que não é vantajoso só para elle, mas tambem e principalmente para nós, que temos quasi todos, triste coisa, a bossa da melancholia.

Os *habitués* de S. Carlos são, decididamente, felizes. Para que nada lhes falte, até o Lamas, o celebre, vae expôr n'aquelle theatro os seus recursos vocaes, que são importantes, e o seu bom humor, que não tem rival.

Lá veremos, morta de riso, a sr.<sup>a</sup> Theodorini, que se dá perfeitamente comnosco, e que ri desafogadamente com a faceia portugueza, sem mesmo ligar a mais pequena importancia ao boneco sob o qual o *Occidente* lhe poz o nome laureado, e que era bastante para deitar por terra uma pessoa que não tivesse os seus creditos plasticos tão solidamente estabelecidos como a illustre cantora. Quem chama áquillo um retrato, não sabe o que é uma infamia!

E vou callar-me, emfim. Tagarellei quanto me foi preciso para corresponder ao tamanho da chronica. Basta!

Agora passo a mascarar-me. E' o fato do anno passado. Uma lastima!

Se me encontrarem por ahi, respeitem-me a desgraça, peço-lhes.

Arreda, povo! Deixa passar o velhinho.



## A VIAGEM DOS MORTOS

Nos velhos livros da India encontra-se menção de um rio, *Vaitarani*, que os mortos teem de atravessar para chegarem ao seu destino eterno.

Deprehende-se de uma passagem do *Samareda* que atravessavam o rio por uma ponte, sendo a alma do morto acompanhada pelo demonio *Vizaresho*, que a interrogava sobre quanto fizera na terra. Se a alma era pura, atravessava a ponte; se não era, cahia ao inferno.

A tradição do rio dos mortos reproduziu-se na Grecia e em Roma. Virgilio, na *Eneida*, livro VI, falla do *Acheronte*, um dos rios do inferno, e do barqueiro *Charonte*, que passava os mortos. Dante foi impressionado por Virgilio na descripção do inferno. Toda a Idade-Media conservou nas suas tradições a lenda do rio dos mortos, transmittindo-a á Renascença e até aos ultimos poetas da Arcadia.

Em Gil Vicente encontramos os autos da *Barca do inferno*, da *Barca do purgatorio* e da *Barca da gloria*.

Sá de Menezes, na *Malaca conquistada*, refere-se ao terrivel rio da velha tradição indiana quando, no livro VI, descreve o inferno. Garção, na *Cantata de Dido*, diz-nos que

Dido infelice  
Assaz viveu;  
D'alta Carthago  
O muro ergueu:  
Agora nua,  
Já de Charonte  
A sombra sua  
Na barca feia  
De Phlegetonte (!)  
A negra veia  
Surcando vai;

A tradição da passagem dos mortos n'um rio, seja n'uma ponte ou n'uma barca, pertence tanto á poesia culta como aos costumes populares. Em muitas communas do Jura era costume pôr sob a cabeça do cadaver um cruz de madeira com uma pequena moeda. Em Morvan mette-se na mão do morto dinheiro para pagar a passagem. E em muitas povoações de Portugal, Cimbres, Sinfaes, Ruvães, etc., subsiste ainda a crença de depositar no caixão do cadaver uma moeda de cinco ou dez réis para pagar a portagem da ponte ou a passagem na barca.

O padre Manuel Bernardes, na *Nova floresta*, traz uma interessante noticia d'esta tradição, e do seu desdobramento catholico, no artiguinho que se intitula—*O que se leva d'este mundo*. Por curiosa, transcrevemos na integra a noticia de Bernardes:

### O QUE SE LEVA D'ESTE MUNDO

«Um sultão do Egypto, mui rico, e poderoso, ordenou que na sua pompa funeral, fosse diante arvorada uma lança com a sua mortalha, e um pregoeiro clamando: O grão sultão não tira, para si, de todos os seus thesouros, mais que este lençol. Mas se olharmos mais de perto para a verdade, nem esse lençol tirou, nem o podia tirar: senão que lh'o deram, e lh'o podiam negar; e só serviu de cubrir o corpo, que cá ficava, em quanto um, ou outro se não corrompiam. Que pode levar a alma d'este mundo, se nem o corpo leva? Não sendo as cousas do mundo mais que umas como vestiduras do corpo, como disse S. Gregorio. Por isso comicamente Ausonio introduz a alma de Diogenes Cyni: o rindo-se lá no inferno na de Cresso (aquelle ricaço, que podia contar n'ilhões, como outros contam crusados) e dizendo-lhe: Quanto agora tão só estais vós, como eu, e muito mais pobre ainda; porque eu trouxe o que era meu, e vós tudo o que era vosso lá deixastes.

A' vista d'isto apparece mais ridicula a vaidade, e ignorancia de muitos gentios, que sepultavam na mesma cova, com os mortos, as suas riquezas e moveis, estando na falsa crença de que ainda na outra vida prestavam para seu uso e logro, como se pela bôcca d'aquella cova houvesse alguma occulta recovagem, ou remessa d'este para o outro seculo. Dos Albavos escreveu Strabão, que toda a vida passavam mui parcos, e poupados, para ter na outra com que regalar-se em abundancia, enterrando comsigo o que amealharam. Aristophanes faz menção da moeda de quatro réis, que costumavam metter na bocca do defuncto, para ter a alma com que pagar o frete da barca de *Acheronte*. Por onde Juvenal chamou miseravel a um, que nem para este frete tinha:

*Non habet infelix quem porrigat ore trientem.*

Para apagar esta superstição, que ficára depois entre os christãos, (e ainda hoje dizem haver d'ella vestigios em algumas terras d'este reino) se introduziu o estylo de dar a sagrada commu-

(!) Nome de um dos rios do inferno.

nhão aos mortos; como que a formula eucharistica era a verdadeira moeda do porte para o outro mundo; o que depois abrogaram severamente muitos concilios. Varias nações barbaras da America Septentrional costumam metter na cova, junctamente com o cadaver, as panellas, ferramentas e pelles, de que o vivo usou, para que tenha na outra vida o prestimo d'estas cousas. Pela mesma razão os cares enterram os soldados com todas suas armas, como refere Thucydides. Outros povos em Grecia, ao queimar o defuncto, lançavam tambem na fogueira os seus bois, cavallos e cães, como dizem Homero, e Virgilio. Os tartaros mettem tambem na cova um cavallo [sellado, e um jumento com o seu poldro, para que o defuncto tenha em que ande, conforme o seu gosto. Das riquezas que os chinas põem com os corpos reaes, vejamos as relações do nosso Fernão Mendes Pinto, que não merecem tão pouco credito, como alguns lhe dão. O P. Alvaro Semedo, nosso portuguez, que n'aquellas partes andou em missão vinte e dois annos, conta de uma rainha da China, que morreu por aquelle tempo, em cujo esquife, ou caixão, el-rei seu filho lançou por sua mão mais de septenta mil crusados em perolas, e pedras preciosas; e a um lado, e outro do corpo distribuiu cincoenta pães de ouro, e cincoenta de prata, que não são as folhinhas tenuissimas, que nós chamamos pães; senão pastas massigas. Contra a cega vaidade, e barbara ignorancia de todos estes povos se oppõe o claro desengano do oraculo divino, quando diz: Quando morrer o homem, nada do que tem levará comsigo; nem irá com elle fazendo-lhe companhia a gloria, que n'este mundo teve.»

Falla, como vimos, o padre Manuel Bernardes do costume que teem muitos gentios de sepultarem com os mortos as suas riquezas:

Um escriptor contemporaneo, o sr. Andrade Corvo, confirma esta noticia de Bernardes no tomo II dos seus *Estudos sobre as provincias ultramarinas*:

«As tribus da costa do Oiro creem, que ha uma região das trevas, debaixo do chão, para onde as almas emigram, e aqui retomam a posição que no mundo tiveram. Por isso, quando morrem os reis lhes sacrificam escravos e mulheres, para os acompanharem no outro mundo; e na sepultura se deposita ouro em pó e roupa. E' crença que todas as coisas, de que o homem usa em vida, resuscitam no outro mundo para lhes servirem; porque tudo tem alma, os seres humanos e as cousas inanimadas. O povo cre' no mundo inferior como cre' n'um paiz visinho; a fé torna-se n'elles parte integrante da sua propria natureza.»

Segundo a theoria de Lubbock, o estado dos povos mais atrasados em civilisação pode servir-nos como indicador da vida social dos nossos antepassados, n'uma epocha muito remota. Applicando esta doutrina aos povos africanos, applicando-a mesmo aos costumes das nossas provincias em relação aos grandes centros de civilisação do paiz, achamos plenamente confirmada a antiguidade remotissima da superstição que considera a morte como uma viagem para outro mundo, viagem a que a imaginação do povo inculto adaptou por um *simile* primitivo os processos de transporte fluvial, seus conhecidos, por meio de uma ponte ou de uma barca.

Na America meridional, entre os abipons, vamos encontrar tambem a crença de que os mortos tinham de atravessar um rio perigoso sobre uma ponte que o deus *Patuliso* guardava noite e dia.

A immigração da raça aryana reforçaria porventura na America esta superstição. Assim, no poeta Gonzaga, que, tendo nascido no Porto, fez vibrar no Brazil a sua lyra amorosa em honra de Marilia, encontramos referencias aos rios e barqueiro do inferno:

Cheio de esforço  
Vai ao Cocyto  
Buscar afflicto  
Seu doce bem.

.....  
Na funda fralda  
De calvo monte,  
Corre Acheronte,  
Rio de ardente  
Mortal licor.

Tem o barqueiro  
Testa enrugada,  
Vista inflammada,  
Que mette horror, etc.

Bernardes mostra como a Igreja, querendo apagar a superstição de pôr dinheiro no caixão dos mortos, recorreu á formula eucharistica, verdadeira moeda de porte para o outro mundo.

A palavra *viatico*, que muitas pessoas empregam indevidamente, não tem realmente outra significação: *viatico*,—o que se leva para o caminho, para a viagem.



# UMA VIAGEM NA HESPAÑHA

## I

O livro de que vamos dar conta rapidamente, em dois ou tres artigos, é realmente um livro notabilissimo. Saudamos com entusiasmo a sua appareição, porque nos revela um formoso talento, que já se manifestára em tempo, mas nunca de certo com o brilho e com a perfeição com que se apresenta agora. Não se melindra de certo o sr. Anselmo de Andrade se lhe dissermos que ha um abysmo entre a prosa um pouco inchada e as theorias um pouco nebulosas das suas *Epopéas da Historia* e a dicção sobria e colorida, firme e vibrante e as apreciações justissimas muitas vezes, e, quando não são justas ou quando pelo menos o não parecem ao nosso espirito, apresentadas com uma affirmação vigorosa e segura, que denota um ponto de vista pessoal e uma reflexão que sabe concatenar os argumentos, e encaminhal-os para determinadas deducções.

O predicado essencial a um viajante, que quer narrar o que viu, é o talento descriptivo, e esse possui-o de véras o sr. Anselmo de Andrade. As suas descrições teem sempre a elegancia suprema dos contornos e a riqueza de côr indispensaveis para que a phrase dê vida aos objectos que descreve, e os faça passar, com os grandes toques da realidade, por deante dos olhos do leitor. Essas qualidades posso sobretudo apreciar-as, quando se applicam a descripção de paisagens, de monumentos, e de quadros que eu tambem vi e que as paginas luminosas do livro do sr. Anselmo de Andrade fazem resurgir deante dos meus olhos.

Nada mais perfeito do que a descripção que occupa o seu primeiro capitulo. E' aquella verdadeiramente a Mancha deserta, arida, sem uma arvore, sem um habitante, sem uma casa. Experimentei a mesma sensação, e tambem me valeu, como ao sr. Anselmo de Andrade, invocar de quando em quando, ao ouvir alguns nomes de estações, a esguia figura de D. Quixote e a alegre carantonha do bonacheirão do Sancho.

Permite-me porém o sr. Anselmo de Andrade que lhe faça desde já uma reflexão? Acho optimista de mais a sua affirmação de que o velho bandoleirismo hespanhol passou completamente ao estado de lenda, e que se pode atravessar a Hespanha de um a outro extremo, com uma bolsa na mão, sem se correr o mais leve risco. Eu talvez atravessasse a Hespanha com uma bolsa na mão, se a bolsa fosse vazia, e parece-me que ainda assim me teria de sujeitar frequentemente a investigações, que não teriam precisamente um caracter policial. Não vão tão longe ainda os ataques dos comboyos, que já possam assim remover-se para o dominio da lenda.

E' perfeitamente exacta a sua descripção de Madrid, mas não me parece igualmente justo o seu espanto de se ter escolhido para capital essa cidade sem tradições, sem raizes, que não é mais do que o centro geometrico da Hespanha. Essa escolha parece-me pelo contrario perfeitamente justificada pela indole politica da Hespanha, e perfeitamente caracteristica d'essa aggragação de nacionalidades.

Lembre-se o sr. Anselmo de Andrade da famosa phrase do padre Lacordaire: «Na Hespanha palpitam os antigos reinos.» Quando a politica de Fernando e Izabel conseguiu reunir n'um só reino a monarchia arabe de Boabdil, a monarchia aragoneza, os castelhanos, e lhes ajuntou a pequena monarchia navarra, escolher para capital d'esse reino unido a capital de um d'esses reinos, cuja vida autonoma continuava a palpar debaixo do manto de purpura da monarchia de Carlos e de Philippe, seria melindrar terrivelmente os reinos, cuja capital não fosse escolhida. Iriam os reis habitar a velha Toledo, a antiga capital visigothica, a cidade primacial, a que tinha mais justificados fóros? Seria isso mostrar ao Aragão que ficara sujeito a Castella? Escolheriam Sevilha, ou Granada, as duas cidades arabes, tão bellas, tão monumentaes, tão proprias para receberem no seio gracioso uma côrte faustosa e galante? E as velhas cidades catholicas do norte de Hespanha consentiriam em reconhecer por senhora qualquer d'essas odaliscas, que tinham vivido no harem do mouro, essas escravas dos kalifas, que tinham inclinado, por tão largos annos, a cruz diante do crescente musulmano?

Escolheriam Pamplona? Não o consentia de certo Saragoça, a sua séria vizinha. Seria Saragoça a escolhida? Não consentiria a altiva Castella em receber leis da cidade aragoneza.

Por isso Carlos V inventou Madrid, a cidade official, a cidade funcionaria, a cidade destinada exclusivamente a ser a residencia dos soberanos, da côrte, o centro organico da vida hespanhola, sem tradições, sem passado, sem belleza sequer, a Washington d'esta especie de federação monarchica, federação disfarçada, mas bem verdadeira. Mas não foi assim tambem que os Estados-Unidos fabricaram a sua capital? Não tinham elles Philadelphia, a Toledo republicana, a cidade que fóra o coração da independencia, que a sua historia tão claramente parecia designar para ser ella a capital da grande republica? Não tinham Nova-York

quer dizer uma das primeiras cidades do mundo inteiro? Boston, a que pagára com o seu sangue o primeiro tributo á liberdade? Nenhuma quizeram, e foram construir tambem a sua cidade official, o seu centro districtal, que condecoraram, para lhe dar um privilegio que lhe não conferiam as tradições, com o nome glorioso, respeitado e querido do fundador da democracia americana.

A descripção do grande museu de quadros de Madrid está cheia de côr e de verdade. Ali apresenta o sr. Anselmo de Andrade algumas d'estas theorias geraes, que não resistem a uma breve analyse, mas a que tambem se não exige senão que tenham uma apparencia de solidez e uma certa belleza decorativa. Estas theorias de livros de viagem são como os pavilhões que se armam para as festas nacionaes. Sejam espectaculosas, e não caiam ao primeiro sopro, e já cumpriram excellentemente o seu dever.

Sempre me hei-de lembrar que Edgar Quinet, no seu livro sobre a Grecia, a proposito de um rio ou de um monte que hoje conserva o mesmo nome que tinha na Hellade primitiva, exclama gravemente: «Os nomes das cidades passam como tudo o que é obra do homem transitorio e ephemero, os nomes dos objectos da natureza ficam eternamente, porque a natureza é immortal.» A gente lembra-se logo do Herminio, que se chama hoje Serra da Estrella, do Ponto Euxino, que hoje se denomina Mar Negro, do Hellesponto, que passou a ser o estreito de Dardanellos, e acha que estes exemplos, atraz dos quaes logo se atropellam milhares d'elles, não justifica extraordinariamente a theoria d'Edgar Quinet. Mas a theoria deu ao escriptor francez assumpto para umas poucas de paginas admiraveis, e isso nos basta a nós e a elle.

Assim, tambem, o sr. Anselmo de Andrade, a proposito dos quadros italianos no museu de Madrid, sustenta com muito engenho e sobretudo com um grande colorido que a Italia não teve idade-media! A Italia, onde nasceu o mais assombroso de todos os poemas medievaes—«Divina Comedia», não ter tido artisticamente idade-media, lá nos parece um pouco forte! Igualmente sustenta que a pintura italiana é essencialmente pagã, que nunca pintou senão gente radiante de vida e de saúde, que os seus pintores nunca tiveram as visões asceticas, e que o beato Angelico é um caso sporadico. Para isto precisa de se esquecer, pelo menos, da escola de Perugia, e de tomar o grande Raphael na sua segunda maneira, dando como não existente o discipulo de Perugino. Mas, graças a essa theoria de occasião, tivemos duas ou tres paginas encantadoras, e isso nos satisfaz.

Onde o sr. Anselmo de Andrade porém é verdadeiramente de uma felicidade rara (continuo a referir-me aos assumptos que conheço *de visu*) é na descripção da corrida de touros. Como é verdadeiro aquelle quadro de Madrid em dia de tourada! aquelle turbilhão de carruagens, de cavalleiros, de peões, aquella confusão de côres, que tornam o Prado, n'esse dia, como instantes depois o circo, um verdadeiro regalo para os olhos! Realmente, lendo o capitulo encantador do livro do sr. Anselmo de Andrade, tornei a ver aquella scena que nunca mais se apaga completamente dos olhos que uma vez a presenciaram, as carruagens que vôm a par, os breaks elegantissimos apinhados de senhoras pittorescamente vestidas, puxados pelas mulas tilintantes de guisos, ricamente ajaezadas; os fatos espaventosos dos cocheiros, que n'esse dia abandonam as suas librés inglezas para se transformarem em «majos» andaluzes; e os dois eternos soldados da guarda civil, que em toda a Hespanha se encontram, a cavallo, com os seus uniformes de opera-comica, mantendo a ordem, e fazendo desfilar serenamente essas carruagens todas, segundo as disposições marcadas.

E, deixem-me dizel-o entre parenthesis, ninguem pode ser menos accusado de deprimir o que é nacional em favor do estrangeiro do que eu: estas phrases proverbias das nossas conversações: *lá fora, e isto só no nosso paiz*, irritam-me consideravelmente os nervos.

Encontrei, effectivamente, em Hespanha muitas coisas inferiores ás nossas, mas o que não encontrei em Hespanha, e por conseguinte affoitamente posso dizer que em parte nenhuma se encontra, é uma policia tão detestavel como a nossa, debaixo ainda assim de um certo ponto de vista. O policia que ordena ás multidões nos dias de grande ajuntamento, gritando, esbaforindose, vermelho, apoplectico, de boné para traz, é completamente desconhecido em Hespanha; o municipal a cavallo, que regula com os couces do seu cavallo e de vez em quando com a prancha da sua espada a marcha do cortejo, não existe em Hespanha. Nada mais sério, mais grave, e por isso mesmo mais imponente do que esse duetto everso das patrulhas da guarda civil hespanhola, que por toda a parte se encontram como o eterno symbolo de real e da ordem, impassiveis como a lei, severos como a ordem.

N'este formosissimo capitulo de *corrida de touros* apontarei uma opinião paradoxal: é de que as corridas de touros são um espectáculo que muito concorre para dar á alma hespanhola a sua força e a sua energia. Para isso, porém, é obrigado a afirmar que os hespanhoes apenas applaudem nas corridas o que n'essas luctas é verdadeiramente heroico. A inexactidão é flagrante porque eu posso jurar aos Santos Evangelhos que ouvi o publico acclamar o estirpamento dos cavallos, o derramamento de sangue, o





VISCONDE DE FIGUEIREDO



não só acclamal-o, mas reclamal-o, exigindo dos picadores que levassem os desgraçados ginetes ao sacrificio. *Al toro, al toro* bradavam sobretudo quando o cavallo era branco e podia por conseguinte dar-lhes a sensação completa e deslumbrante do vermelho do sangue.

Este espectáculo educa o povo hespanhol no sentido do bem? E'-me licito duvidar. Se a tourada tivesse só as ultimas duas partes, talvez, apesar do perigo cruel e inutil a que se expõe o toureiro, e do que tem de lugubre o espectáculo da morte, eu concordasse com o sr. Anselmo de Andrade, porque effectivamente é sublime a scena da morte do touro, do duello supremo em que Lagartijo ou Frascuelo jogam a sua existencia contra a parada de uma torrente de applausos. Mas o publico hespanhol não dispensa a primeira parte. E' o que mais o enleva, talvez, um moço e intellegentissimo jornalista hespanhol, que habitualmente conversava comosco em francez, e que estava comosco na tourada e que viu os portuguezes assistirem, quando o touro atirava ao ar algum cavallo que recaia no solo, esvasiado e asngrento, voltava-se para traz, e dizia-nos:

—*C' est affreux, n'est ce-pas?*

E depois, arrastado pelo seu temperamento hespanhol, voltava-se de novo para a arena, e gritava:

Bravo! Bravo!

Já vê o sr. Anselmo de Andrade que a sua defeza é paradoxal, e para o provar basta lembrar-lhe que se os hespanhoes só gostassem do que ha de grandioso nas suas touradas, nada lhes seria mais facil do que supprimirem esta parte ignobil, que é verdadeiramente um *hors d'oeuvre*.

PINHEIRO CHAGAS.

## VIUVA

La bater á porta do presbyterio, quando esta se abriu. Affastei-me para deixar passar uma mulher vestida de luto. Pareceu-me muito pallida debaixo do seu veu de crepe, mas não me foi possivel distinguir as suas feições. Ella atravessou rapidamente, acompanhada pelo cura até á carruagem—uma antiga caleche, puxada por um cavallo do campo.

—Então, sr. cura, fica tudo combinado, não é assim? Não esqueceria alguma cousa?

—Não me parece, sr.<sup>a</sup> marquezia.

—Será necessario mandar alguém á herdade para vos ajudar sr. cura?

—Muito obrigado, muito obrigado, sr.<sup>a</sup> marquezia. Gadaud, o meu sachristão, já está acostumado.

—Então adeus, sr. cura.

—Os meus respeitos, sr.<sup>a</sup> marquezia.

O cura fechou a portinhola e a carruagem partiu, entre um ruido de ferragens veneravel e deslocado.

—Que excellente senhora! exclamou o cura, quando entravamos no presbyterio. Se aquella não fôr direitinha para o ceu, não sei quem para lá entre.

—Quem é? perguntei-lhe. Aquella physionomia não me é de todo desconhecida.

—E' a marquezia de Perseigne.

—O que? a marquezia de Perseigne?! a celebre e formosa marquezia de Perseigne?!

—E' ella mesma. Desde a sua desgraça, mora perto de aqui, n'uma herdadesinha que lhe pertence de parte de sua mãe, e que ella nem se deu ao trabalho de arranjar. Vive alli sosinha, toda entregue a actos de caridade. Agora mesmo ella veiu aqui para tratar de algumas disposições para a semana. Ah! com a sr.<sup>a</sup> marquezia, dou-lhe a minha palavra que S. Sulpicio não é uma... sinecura, concluiu o padre, que, de vez em quando, gostava de rir. E diga-me, meu amigo, o que ha de politica?...

\*  
\*  
\*

Ninguém se admirou em Paris, quando foi officialmente conhecida a noticia do casamento de Jacques, marquez de Perseigne, com a condessa Marcella de Savoie, da casa dos Radrays. Já era tempo. Nos salões onde se critica, começava-se a dizer que aquillo durava ha muito tempo... ha muito tempo. Pouco faltou—quando muito o comprimento da lingua de uma mulher, para que se não fallasse d'isso seriamente e a malevolencia não deixasse o dominio da allusão timida para entrar no campo da affirmacão brutal.—Ah! é uma grande consolação! exclamou madame Grandcoeur, a quem, apenas, n'essa occasião, se apontavam quatro amantes: um banqueiro israelita, um general de cavallaria, um *sportman* e um actor, sem contar com o marido que, embora senador, não pasava pela quinta roda d'aquelle carro tão bem atrelado.

Finalmente em toda a parte se ouviam approvações e applausos.

Nome, fortuna, mocidade, belleza tudo parecia ter-se alli reunido, e feito a melhor das ligações. O proprio amor a embalsamava, o amor, essa dolorosa flôr, que muitas vezes desabrocha entre lagrimas, o amor, essa flôr rara, que tão poucas vezes floresce na frente dos recém-casados.

O casamento realisou-se com grande pompa em Santa Clotilde, onde se via uma abundancia enorme de flôres e cirios, *toilettes* esplendidas, canticos de orgão deliciosamente enervantes. Sua eminencia mgr. de Parabere, o mais novo e o mais encantador prelado da França, pronunciou, perante um auditorio extatico, uma allocução a que chamaram divina e que tres *reporters* que o não ouviram, entenderam que tinha sido animada da mais christã inspiração e da mais esquisita *mundanidade*. Entre a lista dos nomes escriptos com a peor orthographia ou de pura phantasia, os mesmos *reporters* citavam tambem que o marquez de Perseigne e a condessa de Savoie tinham a gravidade commovida e a solemnidade inquieta concernentes as grandes felicidades. Nada pois faltou. E apagadas as ultimas velas da egreja, terminado o *lunch*, e tendo os noivos partido de Paris, começou-se a pensar em outras cousas, isto é em cousa alguma, o que, em Paris e n'este meio, é o melhor modo de ter o pensamento em tudo.

Marcella de Radrays tinha, aos dezoito annos, casado com o conde de Savoie, herdeiro unico de um nome celebre, e da magnifica terra de Savoie, na Normandia.

Homem muito bonito, delgado e louro, de maneiras correctas e elegantes, de uma ignorancia tanto quanto possivel completa e de uma insignificancia de espirito que lhe fazia aceitar, sem reflexão nem indignação, as modas do dia, as idéas de occasião, e em geral todas as opiniões de boa origem, o conde de Savoie era o que se chama um verdadeiro *gentleman*. Montava com perfeição, ninguem era mais habil do que elle em conduzir um *drag* e em correr um veado, e nas reuniões de *sport*, onde sempre apparecia, elle, as suas carruagens e os seus cavallos, não se cessava de admirar a harmonia delicada das suas calças, a suavidade das suas floridas *boutonnieres*. O seu nome era sempre citado Elle mostrava-se muito orgulhoso d'isso, e a mulher adorava-o.

N'este amor, Marcella tinha entregado todos os thesouros de belleza passiva e de virtude submissa que lhe eram inherentes. Ella não via senão o seu marido, não ouvia senão a elle, não era feliz senão por causa d'elle, e, embora fosse formosissima e por isso muito invejada, passava por entre as homenagens do mundo, indifferente a tudo que não dissesse respeito a seu marido, surda ao que não vinha d'elle, sem voltar a cabeça uma unica vez para os desejos que seguiam a cauda dos seus vestidos e voltejavam sempre em seu redor.

Isto fazia com que as mulheres dissessem com gestos de desdem que a pequena «não tinha espirito, como se a belleza e a virtude não fossem o verdadeiro espirito» da mulher. Marcella passou assim tres annos de felicidade, que nem um instante a mais pequena nuvem toldou.

Um dia, o conde de Savoie, andando a caçar, deu uma queda quando saltava um muro. Conduziram-no ao castello, com a cara coberta de sangue, a cabeça partida, quasi moribundo. Morreu n'aquella noite.

Julgou-se que Marcella ficaria louca depois d'este horrivel golpe. Não podia arrancar dos seus olhos a visão constante d'aquelle querido cadaver. Allucinada, pedia que a enterrassem com elle. Durante muitos dias, em ataques nervosos a toda a hora, enchia o castello com os seus gritos de dôr.

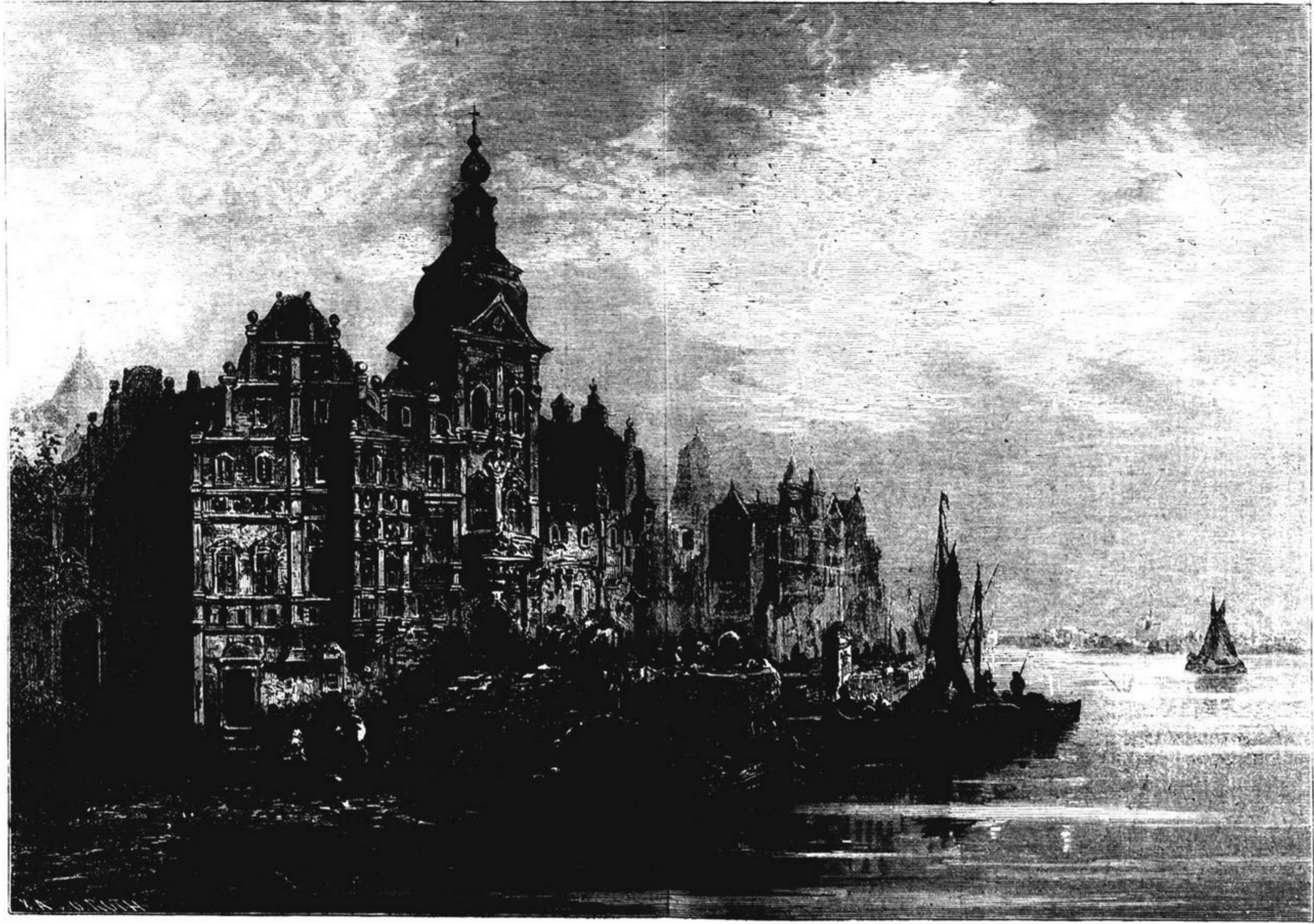
Apaziguada, porém, esta primeira crise, a pobre senhora cahira n'uma prestração que tinha todo o terrivel e inquietador da morte. Passava dias e noites seguidas deitada na sua *chaise-longue*, os olhos fixos, a bocca aberta, os labios frios e seccos, imovel como uma figura de cera. Recusando os cuidados da sua criada, não tomando alimento algum, Marcella, lançada no nada da vida, esperava o nada da morte. Mas não morreu.

Pouco a pouco e sem esforço, o passado, que ella fazia reviver na sua imaginação, as lembranças que ella chamou ao seu pensamento, uma por uma, derramaram-lhe na alma alguma cousa da doçura indecisa e triste de um sonho. E como n'esses sonhos apenas appareciam imagens alegres, resurreição de alegrias tranquillias e sem remorsos, no fim de um anno a dôr começou a adormecer acalentada pela sua propria ternura.

Foi por esta epocha que Jacques de Perseigne, de volta de uma longa viagem atravez o mundo, veiu passar o verão a casa de sua mãe, em Perseigne, que distava apenas uma legua de Savoie.

Da mesma forma que os dois dominios se tocaavam, se confundiam quasi, da mesma forma uma estreita intimidade unia as duas familias que, durante os mezes de villegiatura, se tinham acostumado a encontrar-se quasi todas as tardes. Depois da desgraça que acontecera a Marcella, a marquezia tinha redobrado de dedicação, e a sua affeição vigilante, cheia de ternuras e de cuidados, as suas caricias acalentadoras, proprias da gente velha, tinham contribuido largamente para a diminuição dos soffrimentos da triste viuva. E assim, n'aquelle grande castello agora tão abandonado, Marcella achava-se quasi feliz entre a marquezia de





AMSTERDAM



Perseigne, que procurava reconduzir um sorriso áquelles labios pallidos, e Jacques que a contemplava com os seus olhos doces e profundos e a interessava no que lhe dizia respeito, narrando-lhe as suas aventuras e os seus trabalhos.

Tinha Jacques amado a condessa de Savoise? Dizia-se alguma cousa a esse respeito, mas nada se sabia ao certo. Era verdade que a sua repentina e longa viagem tinha parecenças com um exilio, e podia-se ter desconfianças de que elle a emprehendera para se curar de um amor impossivel. Tambem se explicava pelo caracter naturalmente melancolico d'este rapaz muito particular e pelo despeito que muitas vezes tinha manifestado pela existencia servil que se passa entre as amigas mentirosas dos clubs e os vãos amores dos sa'ões. Um poeta seu amigo, tinha dito de Jacques: «Ha n'elle alguma cousa do leão, do fakir e da sensitiva». Do leão tinha as coleras soberbas, do fakir as contemplações fixas, e da sensitiva as exaltações, os desanimos e as lagrimas.

Odiava o mundo porque elle lhe não dava nada do que elle procurava: ideias, crenças, dedicações. Só alli encontrava *bavardages* odiosas, prejuizos, rancores, abdições moraes, comedias de alcova e dramas de cavallariça, um scepticismo pôdre, mal dissimulado sob a mascara hypocrita dos protestos timidos e das cobardes indignações. Estas raças gastas, ás quaes, no meio do desmoronamento do seculo, apenas ficara a concepção do prazer, e que, sem remorsos, sem lutas, assistiam á agonia definitiva da sua historia, não passavam, para elle, de cortezãos aviltados do Milhão cosmopolita, de peregrinos apostatas d'estes novos templos, onde brilha não a cruz da Redempção mas a cifra do ouro. E era assim, sentindo despedaçar-se a sua alma atormentada pelo bello, que elle via esta sociedade cahindo no abysmo ao som de orquestras e festas ruidosas, arrebatada por uma vertigem de imbecilidade e de loucura.

Marcella, escutando aquella voz quente e vibrante, ora rugindo como o trovão, ora acariciadora como um canto de ave, achava-se profundamente inquieta e agitada em todo o seu ser. Do fundo do seu coração erguia-se um mundo de sensações e de novas ideias que se apresentavam ante o seu espirito. E uma bella tarde, sem um unico pensamento para o morto que ella tinha chorado tanto, descobriu, com uma alegria deliciosa, que amava. Assim como amara Savoise, esse rapaz futil e banal, ella amava agora Perseigne, este rapaz grave e mysterioso, e pela prodigiosa e inconsciente intelligencia das situações, que teem as mulheres, o seu amor, que não tinha passado o pobre ideal de Savoise, subiu n'um vôo á altura d'este espirito raro, d'esta alma de *elite* de Jacques de Perseigne.

Acabou-se o verão, e Marcella voltou a Paris. Alguns mezes depois casava-se.

\*  
\*  
\*

E' noite. No seu palacio da rua Barbet de Jouy elles estão sós, os dois, e bem sós! Marcella, sentada por detraz de um *paravent* de flores pallidas, olha para um livro distrahidamente. As suas palpebras estão avermelhadas e cahidas. E' de fadiga? Dir-se-hia que chorou. Jacques, atirado para cima de um *fauteuil*, com as mãos cahidas, um cigarro apagado entre os dedos, parece seguir com o olhar cansado os desenhos do tecto e o reflexo roseo e verde das lampadas que, agora e logo, illuminam as tapeçarias e põem uns tons luminosos n'alguns objectos mergulhados na sombra.

Ha um anno apenas que estão casados. Não dizem nada, como se receiassem despertar tristezas adormecidas; e não se encaram, como se tivessem medo de descobrir no fundo dos seus olhares pensamentos de dôr subindo sobre um fluxo de lagrimas. E nada se ouve, n'este grande salão, a não ser, de cinco em cinco minutos, o voltar das folhas do livro que Marcella lê, e as horas que d'antes eram tão curtas e que agora tanto tempo levam a soar entre eternidades de silencio.

Entretanto, aquelles dois seres que alli estão, tristes e languidos, como os *ménages* culpados ou aquelles a quem o cansaço acaba de separar a carne como já separára a alma, aquelles dois seres adoram-se. Novos, bons, ardentes, Deus creára-os para a alegria de viver e para os celestes inebriamentos das paixões abençoadas. Não era possivel que um unico anno tivesse arrancado do seu coração todo o amor que alli tinham accumulado.

Pelo contrario, adoram-se como no primeiro dia, e apesar d'isso comprehendem que a sua felicidade está para sempre perdida e que jazem mortas as promettidas esperanças d'um futuro encantador. Jacques é ciumento, não de nenhum homem vivo, mas de um morto, e, desde o dia seguinte ao seu casamento, levantou-se entre elle e sua mulher uma imagem implacavel e maldita, a imagem do primeiro marido.

Quando esta visão se lhe apresentou subitamente, sentiu o coração apertar-se-lhe dolorosamente e depois uma suffocação na garganta como se o estrangulassem. Penseu que ia desfallecer.

E assim, aquella mulher, a sua propria mulher, Marcella emfim não lhe pertencia completamente. Tinha pertencido a outro e era esse outro quem tinha feito despertar a mulher na donzella, quem tinha bebido, até se saciar, as primicias deliciosas do prazer ignorado e revelado! O que ella agora lhe dizia, com os la-

bios unidos aos d'elles, tinha-o já dito ao outro. Os beijos, os abraços, os abandonos, o impudor soberbo da mulher que se dá, tudo aquillo por que elle se entusiasmava, não passava de um habito, de uma continuação. Sabia manchada dos braços de um homem, e cahia prostituida nos braços de outro, sem uma hesitação, sem um remorso, semelhante á mulher da Escriptura que, limpando os labios, disse:—Ainda não comi. E era sómente agora que elle pensava em tudo isso, já irreparavel! Procurava raciocinar. Que tinha a receiar se Marcella o amava? Ah! o outro estava sepultado no coração de Marcella mais fundo ainda do que no carneiro da capella de Savoise. Marcella amava, Marcella amava-o... E repetia estas palavras em voz alta, como se a virtude do seu encanto devesse affastar os phantasmas que lhe enterravam na carne as suas garras aguçadas... Foi, porém, de balde, que appellou para a razão. O ciume mordera-lhe no coração e o veneno corria em abundancia pelas suas veias.

A partir d'essa desgraçada hora, Jacques comprehendeu que a sua existencia estava despedaçada d'ahi para o futuro! Prometteu, comtudo, a si mesmo esconder a inquietação da sua alma a sua mulher, que não tinha culpa alguma d'aquella loucura de delicadeza. Mas é acaso possivel esconder alguma cousa ao coração das mulheres que amam?

Em breve Marcella adivinhou a causa do mal que devorava seu marido e punha á roda dos seus olhos, brilhantes pela febre, esse circulo azul das pessoas que vão morrer. Ficou cruelmente impressionada, mas julgou que á força de ternura, de submissão e de dedicação chegaria a curar as feridas d'aquella alma e a fazer tornar a entrar o socego n'aquelle espirito torturado.

—Sou um vilão egoista, minha querida Marcella; privo-te de todas as distracções, disse-lhe um dia Jacques. Tornemos a entrar no mundo, queres?

Marcella queria tudo o que seu marido queria. Além d'isso, ambos contavam com que o ruido do mundo, o *brouhaha*, as occupações multiplas, incessante, ás quaes a existencia assim está ligada, o atordoariam, o distrahiriam d'esse pensamento unico, e acabariam por expulsar a implacavel imagem. A imagem tomou, porém, alli maior vulto, ligada estreitamente á de Marcella. Não apparecia assim sua mulher, outr'ora, com Savoise, que a levava a todas as festas? E via-a pelo braço do outro, com os mesmos sorrisos e a mesma felicidade. E aquelles olhares que a observavam que a percorriam, que a despiam, aquellas homenagens do mundo no fundo das quaes se accendem desejos adulteros e que deixam cahir tanta suspeita em torno da mulher que se admira, tudo isso exaltava e exasperava a sua loucura, a ponto de que muitas vezes bebedeiras homicidas chegaram a alimentar-se no seu cerebro.

A sua existencia tornou-se intoleravel, martyrisada pelo supplicio que a devorava, e dava-lhe noites de insomnia cheias de pesadellos. Cada ser, cada cousa, cada manifestação da vida era para elle uma dôr. A tudo ligava a ideia de sua mulher e de Savoise. Não podia passar deante d'um theatro, d'um restaurant, d'uma loja, que não sentisse um golpe no coração, porque immediatamente pensava que Marcella tinha ido alli com o outro, e via as suas attitudes, os seus gestos e ouvia o que elles mormuravam.

O outro! o outro! o outro, com a sua terrivel imagem, enchia o ruido, o silencio, o rapido minuto, a longa hora. Não havia um canto, por mais escondido que fosse, onde o outro não apparecesse e sempre triumphante. Jacques sonhava em fugir para paizes desconhecidos ou em retirar-se para o fundo do campo, escondido n'uma pequena aldeia.

E aqui está porque no grande salão do palacio da rua Barbet-de-Jouy não se dizia palavra, porque as horas passavam tão longas entre eternidades de silencio.

\*  
\*  
\*

Marcella fechou o livro, levantou-se lentamente e aproximou-se de Jacques, que ainda não tinha soltado uma syllaba e parecia dormir.

—Jacques, disse-lhe com uma voz terna.

Elle ergueu-se um pouco, agarrou nas mãos de sua mulher, que beijou e puxou para junto do seu peito.

—Pobre mulher adorada!—exclamou elle. Perdão, perdão!

Marcella fechou-lhe a bocca com um beijo. Chegou-se toda a elle, fez-se o mais pequena possivel, e, deixando cahir a cabeça no hombro do marido, suspirou:

—Amo-te!

Em seguida passou-lhe os braços em volta do pescoço e estreitou-o n'um doce e apaixonado abraço.

—Amo-te! repetiu.

Jacques procurou, porém, desembaraçar-se d'ella. Repentinamente os seus olhos tomaram uma expressão de louco e a sua voz tremia:

—Deixa-me, deixa-me. Por piedade, deixa-me!

E Marcella, abraçando-o com mais força, com a bocca muito proxima da d'elle, repetia ainda:



—Amo-te!

—Mas deixá-me! exclamou Jacques. Bem vês que me estás fazendo mal... Vae-te, vae-te!

Ella, coitada, ajoelhada agora aos pés de seu marido, continuava a dizer:

—Amo-te!

Então Jacques, completamente perdido, soltou um grito selvagem. E deu uma bofetada em Marcella.

Nem a menor contracção na cara se lhe notou por causa dos insultos. Apenas os olhos se lhe encheram de lagrimas, a voz se tornou mais doce ainda e mais terna. Agarrou na mão que lhe batera e beijou-a, collocou a sua bocca sobre a bocca que a insultara e beijou-a também; depois disse-lhe:

—Escuta-me, meu querido Jacques. Se para o teu descanso, se para a tua felicidade, se para a tua vida é necessario que eu morra... mata-me porque te pertenco. Morta, talvez me ames como me querias amar; tornar-me-hei a mulher que tinhas sonhado, a mulher que viva não posso ser... O corpo que te envia a todo o momento a imagem, o corpo desaparece, mas a alma fica, mais pura, mais bella... Que importa morrer, se a morte é para ti a vida que desponta, se a morte é para nós o amor que começa?!

Jacques lançou-se nos braços de sua mulher. E por muito tempo, mas muito tempo, ficaram a soluçar.

No dia seguinte, quando, de manhã, o creado entrou no quarto de Jacques, encontrou-o estendido sobre o tapete, com uma faca enterrada no coração.

OCTAVE MIRBEAU.

## GELOS DE FOGO

Tu teimas e eu presisto em não teimar contigo:

Como vejo que, a bem, nada de ti consigo,

Não lucto e hei de vencer;

Hei de vencer por força: o cedro secular,

Ao qual o proprio raio, ás vezes, não se atreve,

Quando o inverno lhe cobre cúpula de neve,

Por fim vem a quebrar!

Ao teu odio mortal eu mostro-me indifferente.

Que importa que isto seja apenas aparente

Se assim tenho mais força?

Tambem a neve occulta um pezo violento,

Pezo que faz partir as arvores gigantes,

E ella vóa pelo ar em floccos alvejantes,

Tão leves como o vento...

Não volves para mim o teu olhar piedoso,

Mas eu, a quem a Dôr tornou astucioso,

Estudo-te e depois,

Em vez de me matar ou de perder a esperança,

Finjo que já não te amo e espero, resignado,

Que nasça o teu amor ardente, immaculado,

Purissima creança!

Mas tenho medo, ó céus, de me trahir um dia,

Ao vêr-te tão gentil mas para mim tão fria,

Porque emfim, minha flôr,

No meu peito viril existe um coração,

E embora eu diga, a rir, que elle de ha muito dorme,

Comtudo não é mais que uma geleira enorme,

Escondendo um vulcão!...

Lisboa, 1887.

EÇA DE ALMEIDA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

MONSEHOR CAVEROT

Monsenhor Caverot, arcebispo de Lyon, cujo fallecimento os jornaes francezes annunciaram ha dias, nasceu em Joinville, na Haute-Marne, a 26 de maio de 1806. Foi nomeado bispo de Saint-Dié em março de 1849, e arcebispo de Lyon e de Vienna em 20 d'abril de 1876, por um decreto do marechal de Mac-Mahon. Em 1877 recebeu o illustre prelado a purpura cardinalicia.

Monsenhor Caverot falleceu na noite de 23 de janeiro ultimo, victima d'uma enfermidade dolorosa, que ha muitos annos o retinha afastado das obrigações do seu alto cargo.

Era cavalleiro da Legião de Honra.

VISCONDE DE FIGUEIREDO

Esteve ha dias de passagem em Lisboa este illustro titular, demorando-se tão pouco que apenas nos foi permittido obter o seu retrato para o darmos no presente numero da *Illustração Portuguesa*, convictos de que prestamos sincero preito a quem tanto tem sabido elevar-se, tornando o seu nome conhecido em toda a America do Sul e ultimamente em alguns pontos da Europa.

O visconde de Figueiredo nasceu no Rio de Janeiro e é filho de Francisco de Figueiredo Junior, natural do Porto.

Conta hoje 43 annos de idade.

A sua viagem recente á Europa teve por fim abrir caixas filiaes ao novo Banco Internacional, creado ultimamente na capital do imperio do Brazil, e do qual o visconde de Figueiredo é director e principal installador.

Em Londres é agente do referido Banco o opulento banqueiro Rothschild.

As novas succursaes foram installadas em Paris, Lisboa e Porto.

Na sua estada em Lisboa foi-lhe offerecido um jantar pelo sr. conde de S. Salvador de Mattosinhos.

O sr. Antonio Joaquim da Silva Braga tambem deu um almoço no hotel de Bragança em honra do sr. visconde de Figueiredo.

Pela nossa parte, publicando o retrato do illustre titular, miramos unicamente a acompanhar as distincções de que elle tem sido alvo no Brazil, onde este semanario conta subido numero de assignantes

AMSTERDAM

E' uma cidade do reino dos Paizes-Baixos, na embocadura do Amstel.

Construida no meio de pantanos, sobre estacas, pode, por meio dos seus diques, inundar todo o paiz que a cerca.

Muitos canaes, bordados de renques d'arvores, atravessam a cidade, formando noventa ilhas, que communicam por 280 pontes. Os canaes estão cheios d'agua salobra, quasi estagnada e não potavel. Os habitantes servem-se da agua do Vecht e mesmo da do Rheno, que mandam vir d'Utrecht.

As casas d'Amsterdam são feitas de tijolos de diversas cores. Entre os edificios mais notaveis contam-se o palacio real, a Bolsa, a casa do Almirantado, o Arsenal, o palacio da Companhia das Indias e as egrejas de S. Nicolau e Santa Catharina.

Fabrica-se em Amsterdam um grande numero d'estofos, porcelanas, productos chimicos, tabacos, quinquilherias e genebra. E uma cidade eminentemente commercial.

A sua população ascende a mais de 290.000 habitantes.

O padre Antonio Vieira, no seu notavel sermão pelo bom successo das armas de Portugal, chamou a Amsterdam um *frio e alagado inferno*. De facto, o ambiente da cidade é frio e embrusado; os horisontes curtos e tristes.

Filinto Elysio, quando se lá viu desterrado, por causa de haver querido furtar-se ás delicias do Santo Officio, chorava lagrimas como punhos, em versos não faltos de sentimento. O seu coração norteava-se pelo céu azul da patria, e d'ali lhe vinham saudades, tanto mais crescentes, quanto era sombria e aspera aquella

*não dura côdea  
Que em pégo undoso sollamente boia*

POVOAÇÃO LACUSTRE EM SOWEK

A nossa gravura representa uma povoação lacustre em Sowek, na Nova Guiné.

E' uma povoação miseravel, como todas as d'aquellas regiões africanas. Compõe-se de vinte ou trinte cabanas, proximas umas das outras, construidas sobre estacas, e ligadas entre si por troncos de arvores.

Por meio d'esta floresta d'estacas que sustentam a povoação, circulam continuamente, em todos os sentidos, pirogas de varios tamanhos.

O ADIVINHO STUART CUMBERLAND

Conforme todos sabem, este notavel adivinho esteve ha poucos dias em Lisboa, onde fez sensação pela novidade dos seus trabalhos, e onde deixou a monomania do *cumberlandismo*, destinada a fazer esquecer a do espiritismo, tanto em voga por essas salas do grande e do *demi-monde* lisbonense.

Stuart Cumberland é irglez e tem 35 annos de idade. Destinava-se á carreira militar, mas a sua imaginação fogosa impeliu-o para as lides litterarias, especialmente para as regiões especulativas do phantastico e do extraordinario.

Conta elle proprio que a primeira experiencia que fez, foi ha seis annos, com o deão de Lichfield.





POVOAÇÃO LACUSTRE EM SOWEK



Uma manhã foi Cumberland visital-o, e depois de almoçar, a conversação recahiu sobre a *vontade* e o *mesmerismo*.

Perguntou-lhe o deão se considerava possível que um homem podesse ler ou adivinhar os pensamentos d'outrem.

Respondeu Cumberland, dizendo que, em determinadas circunstancias, o considerava possível, e estava quasi certo de o poder fazer.

Esta resposta requeria, certamente, uma prova.

O deão pensou n'um objecto qualquer, que possuia no seu gabinete.

Então, Cumberland tomou o sacerdote pela mão, e fazendo algumas experiencias, conduziu-o ao gabinete.

Chegados ali, diz elle que sentiu uma grande impressão ao collocar a mão sobre um objecto, pelo que reconheceu logo ser esse objecto aquelle que o deão tinha no pensamento.

Era um precioso busto de Lady Augusta Stanley.

Foi esta feliz experiencia que o animou a realisar mais largas provas, as que ha pouco exhibiu entre nós, no theatro de S. Carlos e no Paço da Ajuda, causando o espanto de clero, nobreza e povo.

## QUADRO ANTIGO

Pelo rio abaixo, ao sabor da corrente, mansamente deslisa um funebre cortejo. São quatro os bateis. No da frente, deitada n'um esquife côr de neve e cercada de brancas rosas, doce emblema da innocencia que se finou, dorme o eterno somno uma joven d'uma belleza estranha. Os cabellos louros—fios do mais puro ouro—cobrem-lhe o peito, cercado-lhe o rosto de uma scintillante aureola que extraordinariamente faz realçar a opalina brancura da cutis, onde a morte estampou o seu funebre beijo.

Com os olhos semi-cerrados e as mãos enlaçadas, n'uma postura de desalento infindo, parece que faz o confronto das delicias da outra vida com aquella que se vê obrigada a deixar, e que apesar de todas as volupias estonteadoras das felicidades celestiaes que antevê, ella preferiria antes as amargas decepções e os fundos desenganos do seu terrestre viver... Aos pés do caixão, contemplando-a n'um mudo desespero, vae o noivo adorado, de todo entregue à embriaguez da dôr. Parece-lhe impossivel que ella esteja morta e espera a todo o momento vel-a erguer-se cheia de vida e paixão, enlaçal-o nos braços, e, arquejante e febril, oscular-lhe as faces, e enxugar-lhe as lagrimas com beijos.

Ainda na vespera se sorria ao vel-o, ainda na vespera o emballava com as harmonias da sua melodiosa voz, ainda na vespera, olhando-o fixamente e com o rubor da alegria a colorir-lhe o rosto, lhe segredava baixinho, tão baixo que elle mal a ouvia:

—Em breve serei tua...

E a morte, na crueldade de velha megera, viéra desfazer todas aquellas felizes illusões, aniquilando e transformando em nada aquelle corpo gentil que causava inveja ás mais formosas donzellas.

E ali ia morta, fugindo-lhe para sempre aquella que lhe levava tambem a vida da sua vida e todo o amor do seu coração.

E o pobre moço soluçava tristemente, ao beijar a branca finbria do vestido da sua amada. A' popa do batel, um velho barqueiro manobrava o leme cantarolando uma funebre toada n'uma melopeia estranha, profundamente triste...

Nos restantes barcos vão donzellas envoltas nos seus diaphanos vestidos brancos, desfolhando petalas de rosas que tapetam a superficie liquida, deixando após a passagem do lugubre cortejo uma esteira de flores, grato symbolo de saudade ardente.

Pelo rio abaixo, ao som de dolentes queixume, lá vae vo-gando mansamente o funebre cortejo.

Treme nas aguas a sombra dos salgueiros, as toutinegras ao longe entoam uma dolente marcha funebre, e o noivo, ao contemplar a face opalina da sua amada, vê desenhar-se ante si a doce miragem da felicidade que por um instante nos illumina com os seus folgores, para bem depressa nos mergulhar na noite escura das dores sem lenitivo e das amarguras sem consolo.

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Esta mulher corre para este homem—4—2.

Este verbo come-se n'esta planta—1—1.

Este idioma deslisa para este nome—2—2.

Porto.

A. J. DA SILVA MELLO.

### Enigma parodia

A Thomé Lopes Lobo

No meu todo, oito lettrinhas  
Conta bem, que has de encontrar  
Mas que são apenas quatro,  
A prova vou-t'a já dar.

As consoantes são tres;  
Vogaes, uma só verás;  
Mas á primeira do todo  
Outra igual não acharás.

A segunda mais a sexta  
São em tudo bem eguaes;  
Sendo a oitava e a quarta  
Irmãsinhas! Concordaes?

A setima e mais a quinta  
São eguaes! Um primor!  
Eis aqui, oh charadistas,  
O enigma ao seu dispôr!...

CONCEITO

Na *Historia Natural*  
Com certeza devo estar;  
E talvez que na botanica  
Possaes o todo encontrar.

CHARADA GEOGRAPHICA

Anda d'ahi, meu rapaz!...  
Foge d'esse captiveiro!  
Vamos a esta cidade,—2  
Se tens baatante dinheiro.

Parece que andas tão triste?!  
Mas que demonio tens tu?  
Não te agrada este paiz—2  
Muito longe do Perú?

De mais a mais, é na Asia  
Que tudo isto encontramos;  
E ainda outro paiz  
Que nós no caminho achamos?

ANTONIO R. BRANCAL.

### Logogripho

(Em acrostico)

- ommodidade offerece—6, 8, 9, 7, 10
- ste carro tão antigo,—1, 8, 3, 10, 6, 2
- indo, creia, meu amigo,—6, 2, 9, 5, 9, 8
- se d'um jogo carece—10, 1, 8, 7, 9, 10
- asta um barco,—me parece—10, 11, 6, 8, 3, 10, 7
- esolver; mas faz-me rir,—7, 2, 9, 5, 6, 10
- ndar assim d'esta côr,—10, 11, 1, 2, 7, 4, 8, 9, 10
- ando sovas com valor,—9, 2, 7, 10, 5, 8, 11
- hi creia, faz-me sorrir.—6, 8, 7, 5, 1, 5, 2



- u no Vesúvio encontrei—1, 7, 2, 9, 10, 7, 8  
 ■ alvo o erro, vaso antigo,—8, 1, 10, 9, 10, 7  
 ■ istina erva—oíça o que digo—2, 4, 1, 8, 7  
 ■ ma parte a esta ave dei,—6, 10, 7, 1, 10, 9, 2  
 ■ inha ou filete eu achei,—3, 5, 11, 9, 10, 4  
 ■ rccure um tecido agora—10, 11, 9, 10, 5, 7, 2  
 ■ ermo antigo, n'este caso—2, 4, 6, 8, 1, 10, 3  
 ■ u ave, busque ao acaso,—11, 8, 1, 7, 10  
 ■ apidol'isso, sem demora.—10, 11, 9, 2, 4, 3, 5, 8

Nota, amigo charadista,  
 Que tão afamado artista,  
 Co'inimitavel esmero  
 N'um grão de milho gravou.  
 —'inda tal não me constou —  
 Formosos versos d'Homero.

MATHEUS JUNIOR..

### Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Nauta—Capoeira—Carapau—Capado—Bicalado—Tubarão.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Vendido—Denodado.

DO LOGOGRIPO:—Serpentina.

DO ENIGMA:—Kattak.

DO ENIGMA, SALTO DE CAVALLO, DO PENULTIMO NUMERO:—

S a p o  
 a n i l  
 p i l o  
 o l o t

## UM CONSELHO POR SEMANA

### PREPARO PARA ANILAR ROUPA BRANCA

Prepara-se economicamente um azul liquido, deitando-se, n'um vaso de barro da capacidade de 2 litros, 250 grammas de acido sulphurico e juntando-se, a pouco e pouco, 125 grammas de anil em pó, fino. Tapa-se o vaso e conserva-se 6 horas aquecido a banho maria, mexendo algumas vezes com vara de vidro, para facilitar a dissolução do anil. Deita-se este liquido n'um alguidar de agua, onde se tem dissolvido 1 kilo de crystaes. A quantidade de agua é variavel, podendo elevar-se a 20 litros, conforme a cor que se deseja conseguir.

Guarda-se em garrafas bem rolhadas.

### A RIR

Fallando de certo velhote casado com uma burguezinha joven e gentil, dizia hontem um amigo nosso:

—Ninguem me convence de que F... é o pae dos seus filhos.

—E isso que importa? redarguiu-lhe um do grupo. Ao menos tem ar de ser o pae da mulher!

Calino, muito atrapalhado da sua vida, corre a um posto medico:

—Doutor, acabo de morder a lingua!

—E isso que tem?

—Que tem? E' que me parece que estou damnado!

## ABANDONADA

Em plena estrada real, á entrada da villa da Lagoa, e no sitio onde o caminho se bifurca, seguindo para a cidade de Ponta Delgada e para a villa d'Agua de Pau, caminhava, por uma noite escura de dezembro, um rapazito de onze annos, bastante desenvolvido para a idade.

Evolviam-no completamente as sombras da noite, mas nem por isso a affeita creança caminhava com mats vigor. Adivinhava-se, no seu passo seguro, o caminheiro habituado áquella estrada e para o qual não havia segredos, porque todas as pedras eram suas conhecidas. Descalço, com as calças arregaçadas até meia perna, um grande cajado ao hombro enfiado n'uma trouxa de encomendas que levava da cidade, o tronco envolvido n'um gabão e a cabeça agasalhada n'um barrate de lã pintalgado, ia a

passar as Quatro Canadas, ou o sitio da bifurcação da estrada, quando um espectáculo estranho se lhe deparou.

A um lado, junto dos muros baixos de pedra solta que separavam o campo da estrada, via-se um açafate de verga, que parecia conter roupa, e ao lado uma lanterna accessa.

Evidentemente, aquelles objectos pertenciam a alguém que por ali estaria perto. E o rapazito estacou, com o ouvido apurado ao menor rumor. Passados minutos, a curiosidade foi-o arrastando para junto do açafate e fel-o erguer com precaução as roupas. Subito, recuou estupefacto. Descobrira um recém-nascido, profundamente adormecido e com uma mamadeira na bocca.

O ar frio da noite, batendo na setinea epiderme da creança, acordou-a e fel-a desatar n'um berreiro atrozador. Apenas rompeu a symphonia, o rapaz cobriu precipitadamente o néné e deu um salto á rectaguarda, refugiando-se n'um canto, com receio de que o «pae da creança» apparecesse lesto, a inquirir do caso. Mas, com grande surpresa sua, viu que passado um bom quarto d'hora, não apparecia ninguem.

Ninguem!

Mas a lanterna?

Então o pequeno, que era de si ladino, lembrou-se, com um estremecimento d'horror, de ouvir contar á mãe e á avó negras historias de creanças abandonadas nos portaes, e teve uma suspeita.

Mas ao seu coração nobre de adolescente repugnava acreditar que aquelle pequenino ente houvesse sido tão barbaramente abandonado sobre um monticulo de pedras, n'um sitio ermo. Tomou uma resolução. Principiou a percorrer, até um kilometro de distancia, todos os caminhos convergentes áquelle ponto, a ver se encontrava alguém.

Ninguem!

Decididamente a creança estava abandonada.

Pegou então no açafate, que era grande bastante, mettu-lhe dentro a trouxa que levava ao hombro, apagou a lanterna e collocou-a tambem dentro. Em seguida poz o açafate á cabeça, e apoiando-se no varapau, proseguiu o seu caminho.

Como estava quasi á entrada da villa, em meia hora poz-se á porta da sua casa. Seriam 9 horas da noite. Todos estavam deitados, e foi a avó que veio abrir.

Entrou sclemnemente com o açafate á cabeça, e depois de pedir a benção á avó, tratou de desembaraçar a creança de toda a roupa, para a examinar bem á vontade.

Preoccupada a por-lhe a ceia, não dera a avó pelo que o demonio do José, que assim se chamava o rapaz, estava fazendo; quando subitamente rescou um berro infantil, seguido d'outros em *crescendo* formidando.

A velhita, coitadita, com a commoção entornou o caldo em cima da meza; e n'um momento, toda a familia saltou da cama: pae, mãe e irmãos, tudo em habitos menores ou ainda mais do que menores, estupefactos, rodearam o José que, muito bem repimpado n'uma cadeira, com o néné nos braços, tratava serenamente de lhe introduzir na bocca a enorme mamadeira que a creança tinha trazido.

A's perguntas da familia, contou o caso da estrada, e accrescentou que iria no dia seguinte consultar o padre cura, porque queria tomar aquella criança á sua conta.

Uma gargalhada geral acolheu estas palavras do sublime fedelho.

O pae tomou a palavra.

—Tu nan vés, rapaz! qu'isso né possibile? Nan vés que temos pr'ahi nove boccas, a comer, só gente; e q'os ganhos estam cada vez más desgraçados?

O José era teimoso como verdadeiro camponez.

—Nan importa! bradou elle. Mé pá, nan me dá de comer?

—Sim.

—Pois entances, a pequerrucha ha de comer do q'eu comer. O que dá pra um, dá pra dous.

Nova gargalhada geral.

—Oh! grande pedaço d'asno! exclamou o pae, entances que res qu'o innocente coma pan de milho e sardinha salgada?

O José embatucou.

—Olha, tornou o pae, o qu'é preciso fazer, é amanhã ir ter com as autoridades, e fazer-lhes intrega d'esse embrulho.

O rapaz chorava de raiva, vendo-se impotente. Subito, os seus dedos mettidos entre o fato da creança, encontraram um papel dobrado. Arrancou-o com ancia e examinou-o a toda a claridade da caudeia. Eram meia duzia de linhas em meia folha de papel. Mas o que diziam ellas? Ninguem sabia ler.

Um nome rescou então em todas as boccas: o sr. padre cura.

—Heide ir ó só padre cura, mostrar o bilhete e contar tudo, exclamou o José.

—E eu acompanho, disse por seu turno a avó. Esta creança não é filha de gente provre, porque a roupa é d'esguião de linho. Aqui ha cousa. E talvez a gente lhe possa fazer algum bem. Prove anjinho!

E a boa velha tomou conta da creança, sem o que poderia ella berrar á vontade o resto da noite, que o seu protector, o famoso José, cedendo á ligeireza dos seus onze annos, d'ali a pouco dormia como pedra em poço.



No dia seguinte, toda a vizinhança sabia do achado extraordinário de José, e commentava o caso á soleira da porta, a grandes gestos indignados.

O José, antes de sair para a cidade a fazer compras a varias familias, mister em que se occupava, fez-se acompanhar da avó, e levou a creança ao sr. cura.

Tiveram de esperar no corpo da igreja que sua reverendissima concluísse a missa, e depois foram esperal-o á sacristia.

Contaram-lhe tudo. A velha chamou a sua attenção para a particularidade da roupa ser de esguião, e por fim o José mostrou o bilhete encontrado no fato.

O bilhete laconico dizia o seguinte: «Nasceu em 5 de dezembro de 1842. Não está baptisada. Peço que lhe ponham o nome de Margarida e que guardem este bilhete como o unico documento, que um dia, se aprazer a Deus.

O padre attentou demoradamente no bilhete e perguntou:

—E o que tencionam fazer d'essa creança? Ella tem já oito dias.

—Creal-a, responderam a uma vez a avó e o neto.

—Mas vocês são pobres...

—Ah! nan importa, tornou alegremente o rapaz. Eu é qui'a achei. Encantei-me d'ella e já nan abro mão, ainda, que ma mim dessim todo o dinheiro do mundo.

—Descança, que ninguem t'a compra, respondeu o cura sorrindo. Mas o melhor é apresental a na Misericordia, para obter o subsidio da lactação.

Então a velha observou:

—Na Misericordia nan hande querer dar a piquena, porque nan temos ama päl-a crear. O melhor é nan ir lá.

—Então se vocês não teem ama, quem é que a cria?

—Ora, dá-se-lhe papas e sopas de leite. E na vizinhança sempre hade haver quem dé um bico de peito á innocente.

E assim succedeu. A pequena tornou-se o idolo de toda aque la boa gente.

O José, quando voltava da cidade, ia com ella de porta em porta. Era uma risota. Chamavam-lhe a ama secca. Uma vizinha dava-lhe de mamar, outra dava-lhe um bibe, uma touca ou um coeiro.

Crescia a pequena e crescia por ella a amizade do José e de todos. O padre-cura estimava tambem a Margarida, dava-lhe presentes, e quando ella fez 3 annos, pagou-lhe a escola, fatinho e os livros, o que fazia dizer ás senhoras vizinhas:

—Não ha para ser feliz como os engeitados!

Cresceu a pequena em graça e talento. Aos 12 annos, depois de ter figurado de anjo nas procissões, fez a sua primeira communhão.

Mas n'esse dia deu-se um acontecimento quasi miraculoso. Quando a pequena já estava prompta, a caminho para a igreja, chegou da cidade, a toda a brida, um homem a cavallo, e inquirindo na vizinhança onde morava o José, bateu-lhe á porta. Foi o rapaz que veio abrir.

O homem, sem se apear, mergulhou o olhar no interior da casa, e vendo Margarida toda vestida de branco com o veu na cabeça, levou involuntariamente a mão ao chapeo e ficou em muda contemplação durante alguns segundos, acabando por murmurar:

—E' o seu retrato!...

Em seguida, curvando-se na sella para o José, disse-lhe ao ouvido:

—Pessoa que quer guardar segredo, mas que estima a sua protegida—e sublinhou estas palavras com intenção, o que fez córar o José—envia-lhe este presente para o dia d'hoje. Póde acceitar sem receio, porque vem de fonte limpa e que não o envergonha.

E entregando um pequeno embrulho, deu de esporas ao cavallo e desapareceu.

O José, pensativo, retrocedeu e chamando a familia fez a abertura do pacote. Encerrava elle um cofresito de setim com joias d'ouro. Um collar, brincos, pulseiras, aneis, relógio e cadeia. Dentro vinha um bilhete, que d'esta vez Margarida estava habilitada a ler. Dizia simplesmente: «Desejo que Margarida communiqua, levando esta lembrança minha.»

Toda a familia foi de opinião que aquelle presente vinha da mãe da pequena. E o padre-cura, cotejando a letra dos dois bilhetes, assím o confirmou.

Completo a pequena 15 annos e casou com o José. Mas a pessoa mysteriosa que enviara o presente da communhão, nunca mais deu razão de si. Passaram tres annos. Morreu a mãe do José e ficou a Margarida a substituíl-a no governo da casa. Morreu por fim o pae, e de subito, viu-se o José sobrecarregado com uma numerosa familia. A vida tornou-se impossivel. Só, com a mulher e já dois filhinhos, ainda poderiam viver, mas agora, com os sete irmãos a seu cargo, era muito.

N'esta situação afflicta, pensaram em expatriar-se, e vendendo alguns bocados de terra que possuiam, pagaram a passagem para o Brazil. Na vespera da saída do navio, marcharam todos para a cidade, e no dia seguinte pela manhã, andou o José com a Margarida a dizer o ultimo adeus a algumas pessoas do seu conhecimento.

Ao desembocar, porém, de uma rua, quasi que iam ficando debaixo dos cavallos de um trem particular. O José levantou os olhos para o cocheiro e reconhecendo logo o mysterioso cavalleiro que lhe levou as joias para a Margarida, gritou-lhe que parasse. Mas o homem, fingindo não o conhecer, gritou-lhe:

—Arredal!

O José, que era valente, teve um impeto d'indignação e atirou-se aos cavallos, segurando-os. Então o cocheiro, vermelho de colera, levantou o chicote e descarregou-o sobre elle.

Com um salto de tigre, o José poz-se ao lado do cocheiro, na almofada e agarrando-o pelo pescoço, atirou-o ao meio da rua, com grande gaudio do povo.

Tudo isto se passou rapido. No mesmo momento, a portinhola da carruagem abriu-se, e uma senhora de meia idade, de uma suprema distincção, a conhecida baroneza de \*\*\*, desceu, e dirigindo-se ao cocheiro, fel-o retomar o seu logar na almofada; depois, voltando-se para José e Margarida, convidou-os a subir para o trem, entrando em seguida e mandando bater para o seu palacio.

Pelo caminho, o José contou em duas palavras toda a sua vida. A carruagem parou n'um palacete, e a baroneza disse n'um tom particular, ao cocheiro:

—Preciso fallar-lhe. Venha cá a cima sem demora.

Esperou em vão. O cocheiro não appareceu. Mandou chamar-o. Disseram os creados que se tinha despedido d'elles e que fugira.

Então a baroneza, fechando-se com a Margarida e o José no seu gabinete, e abraçando-os a ambos, revelou que era a mãe da creança que fôra exposta na estrada. Que nunca perdera de vista a Margarida, mas que tinha sido illudida a sua confiança pelo cocheiro, um homem antigo na casa, que fôra subornado pelos seus parentes para lhe fazer acreditar que a pequena tinha morrido de variola, n'uma epidemia violenta que occorrera tres annos antes. Que essa falsa noticia, coincidira com o facto d'ella ter ficado viuva do barão de \*\*\* e riquissima. O procedimento do cocheiro na rua, e depois o seu desaparecimento, vendo-se descoberto, aclarava tudo. Que apenas viu a filha, logo a conhecera, por ser o seu vivo retrato, quando tinha 18 annos.

Depois de todas estas confidencias, a baroneza mandou chamar o seu tabellão e lavrar uma escriptura de perfilhação a favor de Margarida. Em seguida, rasgou o seu testamento e substituiu-o por outro, tornando sua herdeira universal a sua filha natural.

Quando n'essa mesma noite, ao chá, os seus parentes, avisados pelo cocheiro do que se passava, correram todos a casa da viuva, ouviram com grande desgosto, dos sens labios aristocraticos, estas palavras significativas:

—Meus senhores. Tenho a honra de lhes apresentar minha filha, D. Margarida de Vasconcellos, futura baroneza de \*\*\*

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



O ADIVINHO STUART CUMBERLAND